

## APRESENTAÇÃO

Mais uma vez, no que vai corrido de 2007, a América Latina aparece na mira dos meios de comunicação que perplexos dão a conhecer a forma como Hugo Chávez promete fazer da Venezuela o primeiro país socialista da América do Sul. De novo, o líder latino-americano é objeto dos mais apaixonantes e controversos comentários. Parece como se o medo ao comunismo, supostamente sepultado no século XX após a queda do Muro de Berlim e do desmoronamento da União Soviética, ressurgisse para não deixar dormir em paz à Direita e a outros diferentes setores da sociedade que temem pela volta de uma segunda Guerra Fria. Mas não é apenas a Venezuela e os venezuelanos que protagonizam a história, o é também a Nicarágua, de Daniel Ortega, a Bolívia, de Evo Morales, dentre outros países latino-americanos que hoje saem das suas fronteiras para serem objeto de olhares, sentires e preocupações do mundo.

Neste sentido, é com satisfação que o Volume 2 de *Ameríndia* publica 17 artigos, todos voltados para a História da América Latina. 7 deles tratam da religiosidade, política e relações familiares das sociedades pré-colombianas: *O NOVO MUNDO: UMA FORMA DE ENCARAR AS RELAÇÕES FAMILIARES - SEXO, AMOR E CASAMENTO NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA* dos autores Francisco Robson Alves de Oliveira, Francisco Victor Pereira Braga e Nívea Marques Monteiro, propõe-se uma comparação entre a visão do Velho Mundo cristão e do Novo Mundo e suas civilizações acerca das relações familiares, salientando suas diferenças, as práticas e as formas distintas de entender tais aspectos. O artigo *A RELIGIÃO MAIA PARA ALÉM DOS SACRIFÍCIOS* de Camilla Barros Alves, Francisco Levi Jucá Sales e Rafaela Daniel de Sousa, tentam explicar o processo religioso na sociedade maia como uma ideologia; apresenta-se um povo marcado pela fé por suas ações e noções de ideologia nas relações do cotidiano. *O USO DE PSICOTRÓPICOS NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA RELIGIOSA*, de Guilherme Amorim Montenegro, parte da hipótese da influência de práticas xamânicas na religiosidade nativo-americana e sua relação com o uso de psicotrópicos na busca do êxtase religioso, para esboçar um panorama das principais drogas utilizadas no continente. *OS ASTECAS E SUA RELAÇÃO COM A MORTE* de

Antônia Ellita Correa e Souza, Kátia Adriano M. da Silva e Sílvia Helena de Mendonça Fontinele, mostra o comportamento asteca diante da morte, abrangendo suas crenças, rituais de sacrifício humano e culto aos mortos; enfocam os mitos de passagem para o além-morte, problematizando as características do povo asteca. *OS CONTRASTES E AS SEMELHANÇAS DAS MENTALIDADES RELIGIOSAS DOS INCAS E DOS EUROPEUS* de Augusto Ridson de Araújo Miranda e Rayssa Maria Pereira Araújo, abordam a questão das mentalidades inca e européia numa perspectiva de diálogo com as semelhanças e diferenças entre tais povos no que concerne às questões religiosas sobre o casamento, a sexualidade, a virgindade e as punições voltadas para esse assunto. Em *A INTRÍSECA RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA NAS SOCIEDADES PRÉ-COLOMBIANAS*, Berna Caroline enfoca o papel do grande governante e do sumo sacerdote no controle e na dominação do povo que, segundo a autora, eles subjogavam através de leis de cunho social e espiritual. Deixa evidente também o papel da população na luta pela resistência.

Quatro artigos tratam sobre a questão da “descoberta”, conquista e colonização da América espanhola e portuguesa. *A HISTÓRIA VISTA DE BAIXO: A VISÃO ASTECA DA CONQUISTA ESPANHOLA*, de autoria de Isadora Machado estuda a conquista espanhola sobre os mexicanos baseada em relatos, poemas e figuras astecas que descrevem o fenômeno até o momento da morte do seu Chefe Supremo, Motecuhzoma e a *Noche Triste*, destacando os motivos da derrota. Em *CARAVELAS AO MAR: OS CAMINHOS DA ESPANHA RUMO A 1492*, Yuri Mourão Falcão analisa os motivos que impulsionaram a Espanha à empreitada oceânica. Fatores como a unificação territorial sob a égide de Castela (1492), a reconquista de Granada (1492), o desenvolvimento náutico, o forte apoio da Igreja Católica ao reino, o projeto de Colombo, e as idéias que alimentaram o imaginário dos conquistadores. *A ESTABILIZAÇÃO DAS COLÔNIAS NAS AMÉRICAS: SUAS GRANDES DIFERENÇAS E SEU PRINCIPAL ASPECTO EM COMUM* de Sarah Campelo, ressalta as principais diferenças entre a implementação e a manutenção das colônias americanas. Primeiramente faz uma análise sobre as mentalidades que portugueses e espanhóis possuíam a época da Conquista, para tratar de entender como essa diferenciação pode ter repercutido na formação de empresa colonial. Maria Carmélia Pereira de Menezes em: *POLÍTICAS DA COROA ESPANHOLA FRENTE À PRESENÇA DO INGÍGENA NA CONQUISTA DA AMÉRICA* ilustra a forma como se configurou o

debate a cerca da relação índios-escravidão durante o século XVI e o surgimento de leis que defenderam os indígenas tentando de dar-lhes papel de protagonistas e não de meros expectadores na construção e formação do espaço colonial espanhol.

Por outra parte, *Ameríndia* apresenta três artigos que tratam sobre a história do século XIX e XX: *ESTADOS UNIDOS E O DESTINO MANIFESTO; A CRISE NO HAITI PÓS-INDEPENDÊNCIA, DE 1804 – 1915* e *CONSERVADORES, LIBERAIS E A IGREJA CATÓLICA NO MÉXICO: CONVERGÊNCIAS E DIVERGÊNCIAS DE UM EMBATE NO SÉCULO XIX, PÓS-INDEPENDÊNCIA*. No primeiro, Jorge Henrique Maia Sampaio e Marise Magalhães Olímpio, apresentam como se deu, e se dá, a fundamentação na doutrina do “Destino Manifesto” para a ação intervencionista dos Estados Unidos. No segundo, Jofre Teófilo Vieira e Victor Fialho de Assunção analisam a crise instalada no Haiti após sua independência, buscando compreender quais os motivos que levaram esta República a não alcançar um pleno desenvolvimento da sua sociedade, apesar de ser a primeira colônia a se tornar independente e a libertar seus escravos através de uma revolução. Lucas Furtado Albuquerque mostra o antagonismo de forças distintas das classes dirigentes mexicanas no século XIX ao enfatizar os conflitos ideológicos oriundos do embate de projetos diferentes de conservadores e liberais para a direção do Estado mexicano.

Finalmente apresentamos a um grupo de autores centrados na história do século XX, focalizando os temas: populismo e revolução. André Pinheiro de Souza e Valéria de Freitas Barros em: *A NICARÁGUA VISTA PELA REVISTA VEJA. A INTERPRETAÇÃO DA REVOLUÇÃO DE 1979*, estudam a forma como a revista brasileira tratou sobre a Revolução Nicaragüense, levando em consideração os períodos que antecederam esses acontecimentos. Mário Martins Viana Junior e Patrícia Pereira Xavier em *O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO CUBANO E SUAS SINGULARIDADES*, procuram visualizar como se desenrolou o processo revolucionário cubano, explorando a maneira pela qual Fidel Castro se posicionou frente às idéias socialistas. Nessa perspectiva, analisam duas fontes: a defesa de Fidel Castro escrita em 1953 (*A História me Absolverá*) e um discurso de Fidel comemorando os 40 anos da proclamação do caráter socialista da Revolução. Aline Medeiros, *IDÉIAS E PRÁTICAS EM TORNO DO PROJETO POLÍTICO E EDUCATIVO DA REVOLUÇÃO NICARAGÜENSE DE 1979 A PARTIR DA OBRA NICARÁGUA:*

*APUNTES SOBRE LAS TRANSFORMACIONES DE UN PAÍS EN REVOLUCIÓN* (1988), baseia-se no artigo *La alfabetización en el proyecto-político-educativo sandinista*, escrito pelo sociólogo Pascual Ortells C. e publicado em 1988 na obra *Nicaragua: apuntes sobre las transformaciones de un país en revolución*, para compreender aspectos da escrita revolucionária no contexto da contra-revolução ou guerra de agressão empreendida pelos Estados Unidos, em especial a partir de 1983. Finalmente no *O LÍDER E A MASSA NO POPULISMO LATINO AMERICANO*, Francisca Rafaela Parga abordam a coalizão formada entre as lideranças e o povo para fazer frente ao tradicional domínio oligárquico, bem como o papel do Estado populista de mediador entre as classes trabalhadoras e o capital no contexto das mudanças nas relações de produção, especialmente, o caso da Argentina, de Perón e do México, de Lázaro Cárdenas.

Gerson G. Ledezma Meneses

Fortaleza, janeiro de 2007